

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII
II SERIE

5 DE OUTUBRO 1922
N.º 124

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

AS «FEIRAS DE LISBOA»,

PROJECTOS... E REALIZAÇÕES

TORNA-SE necessario um pouco de historia para a facil comprehensão do assumpto.

Em o numero 29 d'esta Revista, relativo a 5 de Setembro de 1917, n'um artigo subscripto pelo auctor d'estas linhas, lançámos a idéa da realisação d'uma grande feira em Lisboa, no duplo intuito de proporcionar ás industrias portuguezas um esplendido ensejo de fazerem propaganda dos seus interessantes productos, e de se atrahir á capital uma corrente de forasteiros nacionaes que, alem de se instruirem no conhecimento pratico de muitas d'essas industrias, desconhecidas certamente para a grande maioria d'elles, viriam dar uma intensa animação á vida cidadina, enthusiasmando o commercio e pondo-se mais em contacto com o nosso movimento social — resultados sempre proveitosos para a comunidade.

Em o ano de 1920, no órgão citadino *A Patria*, surgiu essa idéa, como sendo da origem de quem então a trouxe a publico. Por uma questão de principios, em carta dirigida ao director d'aquelle jornal, com data de 8 de Julho de 1920, reivindicámos a autoria d'essa idéa, visto que

mais alguém se permitiu tambem pedir para si a sua primazia.

Emfim, da propaganda feita então pela *Patria*, e naturalmente apoiada sem condições pela *Revista de Turismo*, nasceu uma comissão que, se não estamos em erro, se desfez, sendo substituida por outra que, segundo consta, ainda existe com o encargo de levar a efeito a realisação da «Feira de Lisboa».

Ora, vão passados mais de dois anos, e da «Feira de Lisboa» apenas se sabe da fraca existencia da referida comissão, por uns tenues haustos que de longe em longe tem soltado com repercussão nos periodicos. Sucede, porem, que, tendo ha pouco regressado d'Italia o nosso bom amigo e inteligente correspondente ali da nossa Revista, sr. Raul de Lemos, que no mesmo paiz representava igualmente a Sociedade de Propaganda de Portugal, esse nosso velho amigo, que tem um espirito culto, enriquecido pela pratica da vida nas nações porque tem atravessado, lembrou-se de pôr em execução a idéa que tivera ali pelo ano de 1918 e que nol'a dera a conhecer n'uma carta que então nos escreveu, dizendo ser sua intensão pol'a em

pratica logo que regressasse a Lisboa. Essa idéa era a realização d'uma grande feira internacional em Lisboa. E, assim, chegado aqui, ha cerca de dois mezes, e depois de preparar o programa para orientar os trabalhos no intuito de dar vida a essa sua idéa, começou agindo n'esse sentido. Vencendo todas as dificuldades que provisoriamente se lhe apresentaram, conseguiu já formar a grande comissão organizadora da Feira Internacional de Lisboa, composta dos nossos mais prestigiosos vultos em todos os campos da actualidade portugueza.

Pois bem: — Raul de Lemos, senhor já da situação e começando a pôr em pratica o programa dos seus trabalhos, naturalmente deu-o a conhecer a jornalistas, que se apressaram em dar vulto, por noticias e entrevistas, á idéa que está já seguindo o seu curso.

Tanto bastou para que a defunta comissão da Feira de Lisboa, resurgisse como a Fenix, e viesse logo para os jornaes com a nota officiosa ou official (é o mesmo) que a seguir transcrevemos:

«A comissão executiva da Feira de Lisboa, em sua sessão extraordinaria de ontem e em virtude de noticias vindas nos jornaes sob a epigrafe

«Feira Internacional de Lisboa», deliberou tornar publico, que os trabalhos por ela efectuados para a realização da Feira de Lisboa, tem já sancção official, existindo um Commissario Geral do Governo, por lei n.º 1:233 de Setembro de 1921, pela qual foi votada a verba de 250:000\$00 e que resolveu, em sua sessão de 25 de Agosto, suspender os seus trabalhos até ao proximo mez de Novembro».

Sem desejarmos, por agora, fazer qualquer critica que reservaremos para momento mais oportuno, pômos simplesmente em destaque este signal de vida que a comissão da Feira de Lisboa, pelo menos um ano depois de oficialmente constituída, com o programa sancionado pelo Governo e com verba especial já decretada de 250 contos, acaba de dar no momento em que alguém, com uma mais nitida noção de patriotismo e uma mais verdadeira comprehensão das circumstancias actuaes, pensa na efectivação d'uma idéa, que por ser bela e grandiosa, não deve merecer o menor entrave, facilitando-se, antes, os resultados dos esforços inauditos que estão sendo postos em pratica para se conseguir o almejado fim.

Feito este preambulo voltaremos ao assumpto.

JOSÉ LISBOA.

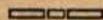
A ARTE DE VIAJAR

PORQUE SE VIAJA MAL ACTUALMENTE

Eis chegadas as férias. E' a epoca feliz das viagens. Praias, estancias d'altitude, thermas ou modestos logares de campo, vão recolher entre os seus limites a clientela cosmopolita das cidades e das vilas, nacionaes e estrangeiros, anciosa de ar puro, de atenuar os seus males ou, simplesmente, de oferecer á vista aspectos diferentes dos que a tem cansado—uma outra vida, outras paisagens, diverso ambiente, variado horisonte.

Se as viagens, bem comprehendidas, são uteis á saude, o seu resultado não é menos proveitoso para o espirito, porque lhe fornecem, por uma forma recreativa, uma educação instructiva, util e pratica.

—Mas d'entre o consideravel numero de pessoas que hoje viajam, quantos realmente sabem fazel-o?



Durante a guerra, pelas circumstancias

do momento, pouca gente viajava, relativamente. Os negocios e a necessidade imperiosa d'um tratamento, só a isso obrigavam. Com a paz, porém, as vilegiaturas recommencaram mais intensamente do que antes da guerra; todavia, os que se dedicam agora a esse prazer diferem absolutamente da clientela anterior, em virtude das transformações sociaes que se operaram em consequencia das condições economicas, resultantes do *après guerre*.

Muitas das familias, vivendo outr'ora em relativas condições de se proporcionarem um certo recreio espirital e physico com as viagens estudadas sob o mais rigoroso criterio economico, não podem fazel-o hoje, visto os seus rendimentos estarem em total disparidade com as actuaes condições de vida.

Em compensação, uma nova camada de *ilustres desconhecidos*, das mais extranhas e extravagantes origens, mas marcados a fogo com o *sobriquet* de novos ricos, permitem-se ao luxo de *viajar* e de incomodar toda a gente com a sua original e cómica exquisitice, desde a propria apresentação até a mais comesinha manifestação de bom senso e de salutaes principios.

São estes que dão a nota e as *notas*, *insignificantes* para eles a tal ponto que impossível é—a quem se acostumou a dar ao dinheiro o seu real valor— poder entrar em concorrência.

D'ahi uma das causas do retrahimento dos que d'antes viajavam e que agora se limitam a saber que os outros viajam.

Isto que parece, á primeira vista, sem importancia e apenas uma inversão de logares, tem produzido uma confusão geral em toda a vida.

Ora, os antigos turistas, sahidos d'um meio onde as viagens já eram apreciadas e projectadas depois d'um estudo preparatorio, delineavam as suas vilegiaturas não só no intuito de irem viajar, mas de tirarem d'esse factó o proveito pratico, moral e physico, que o seu estado e as condições do seu espirito exigiam. Assim mesmo, a sua alguma pratica do mundo ainda não era muitas vezes sufficiente para

os tornar tão esclarecidos e uteis, tão cultos e auctorisados que, em algum caso o seu *esquecimento*, a sua renitencia ou uma confusão de lembranças os poupasse a situações pouco agradaveis. Mas, como havia então uma coisa que hoje desapareceu da vida das sociedades chamada o «polimento», relativo todavia, em cada um dos sêres, as *gaffes* cometidas eram atenuadas por sahidias tanto quanto possiveis airosas.

Hoje — que dizer dos novos viajantes, d'esses *ilustres desconhecidos* que teem enxameado todos os logares com uma *prôa* que até as estrelas, timidas, se escondem por detraz das nuvens?

Que apreciam eles das paysagens atraheentes, das linhas esbatidas do horisonte n'esses lindos poentes d'agosto, do sentimental marulhar da agua nas quebradas dos montes e da musica rithmica das ondas sobre a areia dormente? Que encantos acham na vida social com as suas subtilidades diplomaticas, com os seus *Jazz-band* descrevendo linhas fantasmagoricas á luz de candelabros iluminando rostos virginaes, onde a beleza se esmalta para ser namorada por artistas?

Que entendem eles da architectura pezada das Sés, da estylisação provinciana das egrejas e das capelas alvinitentes como marcos de vida no meio das campinas, da tradição dos solares, da valiosidade dos monumentos e do valor dos museus?

... E todavia, vão viajar. Para onde?— não sabem. Vêr o quê?—desconhecem. Fazer o quê?—é-lhes indifferente; e tudo isso porque não teem educação primaria, como, tambem, não tem um objectivo, um programma, uma idéa formada, só obedecendo ao pensamento dictado pela abundancia de dinheiro: — viajar.

Conclusão logica—confundir.

E' isso o que teem feito, depois da guerra, os *ilustres desconhecidos*, que só se tornaram conhecidos desde que o dinheiro lhes começou entrando nas algibeiras sem origem definida nem caminho estudado. Como entrou facilmente, tem portanto de, para sahir, não encontrar dificuldades.

Na realização d'esse pensamento estes novos *turistas* foram a Braga, porque ouviram dizer que o Bom Jesus é muito bonito; dirigiram-se a Cintra porque lhes constou que era a oitava maravilha do mundo; meteram-se no comboio para a Figueira porque a vizinha lhes disse como se tinha ali divertido no ano anterior; foram a Palmela, porque o merceiro, que já lá tinha ido, lhes assegurou que o ponto de vista, ali, era soberbo.

No fim, descrevendo as viagens, contam as *toilettes* que viram e que pareciam de chinezas; extranharam as mulheres a fumar e os homens de fatos cintados; contam as pizadelas que levaram, as vezes que descalçaram os sapatos para descançarem os *pézes*, etc., mostrando-se, no fundo, aborrecidos de tanta maçada.

Passaram, como cães por vinha vindimada, por tudo quanto a um espirito culto podia alegrar, dar interesse, ser um motivo de satisfação; e no fim de tudo, nada viram, nada apreciaram, nada fizeram, fartando-se, comtudo, de andar de traz p'ra deante, de cima para baixo e d'um lado para o outro, sujos, imundos mesmo, trezandando a suor por todos os póros e cheirando mal a distancia.

Dominaram nos comboios depois de atropelarem toda a gente e de sujarem os assentos, amarrotando os estofos e n'elles

fazendo deposito de bichos de varias especies e classificações, etc., etc.

Conclusão logica: confusão.

Poder-se-ha propriamente classificar-os de *auctores do turismo confuso*.

A este proposito e para terminar vamos contar um caso que nos foi narrado e que define bem a indole dos novos *turistas da confusão*.

O caso passou-se em Coimbra: Estava um pequeno grupo parado defronte da monumental Sé Cathedral, apreciando interessadamente a sua architectura, quando se acercou um outro grupo mais numeroso do qual fazia parte uma *dama* rubicunda, tão cheia de joias como de saliencias phisicas a começar nos joanetes. Pelo aspecto, os membros d'esse grupo deviam equiparar-se em cultura e gosto.

Chegados perto d'essa bela joia do nosso patrimonio artistico, esse grupo parou e a tal dama rubicunda, senhora de grandes dotes d'oratoria, interrogou os seus companheiros na seguinte typica phrase: *mas que ei esta avantesma?*— Os outros explicaram... como souberam.

...E como esta, milhares de *gentis* damas compuzeram os interessantes grupos excursionistas que na epoca prestes a findar, tiraram o maior proveito da sua vi-legiatura.

M. M.

Transportes Maritimos do Estado

O REGULAMENTO DA SUA LIQUIDAÇÃO

Não era já sem tempo! Acabou-se por onde se devia ter começado. Se o Governo, ao termidar a grande guerra, tivesse tomado a iniciativa de entregar á industria particular a exploração dos navios ex-alemães, tinhamos hoje devidamente assegurado o progresso da nossa precaria marinha mercante e não teriamos a lamentar os numerosos episodios dramaticos a que a sua administração por

conta do Estado deu lugar. Não queremos fazer comentarios á lei que acaba de ser publicada e que regula a transmissão dos navios para o dominio particular; mas seja-nos permittido reclamar para nós a autoria da doutrina do artigo 6, condição n.º 8, que permite, á empreza adjudicatária, trocar no estrangeiro algumas das unidades por outras que mais se adoptem á exploração a fazer.

Está pois n'esta disposição bem esclarecida a nossa antiga ideia, de trocar um lote de navios de carga por navios de passageiros, a fim de fazer uma carreira regular para o Brasil, e outra para a Africa Oriental.

Manifestando, pois, a nossa satisfação por a nossa these ter sido finalmente comprehendida, não podemos fechar estas ligeiras notas sem um reparo ao artigo 13 numero 1.º da mesma lei, em que os *compradores «poderão»* ser portugueses. Quere-nos parecer que essa qualida-

de devia ser obrigatoria. A não ser que se receie a falta de capitaes portuguezes para empreza det tanta monta. Mas isso, ainda assim, não justifica a falta de obrigação. — Ou estará ahi a faculdade dos navios poderem ser vendidos ao estrangeiro?

Bem avisada andar a Liga dos Officiaes da Marinha Mercante, que vae fazer parte da comissão liquidataria, em não perder de vista esta disposição. E ninguem mais do que ela tem interesse em que os navios fiquem em Portugal.

CARTAS DE PARIS

Hamburgo — Casas Particulares transformadas em Hoteis — O porto e os jardins de Hamburgo — Berlim e o seu progresso — Leipzig e a sua Kolossal estação — Dresde — O Elbe — A Suissa Saxonica

O grande turismo da Europa é hoje feito na Allemanha. Não ha hoteis? Cada um modifica a sua casa n'um pequeno hotel. E quem ganha é a comunidade. O Governo chegou mesmo a publicar um decreto obrigando todo o cidadão a ceder, em sua casa, as dependencias que tivesse a mais. Não foi, porem, necessario pôr o decreto em execussão, tal foi o numero de quartos oferecidos.

Quando cheguei a Hamburgo não havia um unico quarto nos hoteis. O porteiro do ultimo em que bati, mandou acompanhar-me a uma casa particular, onde fui recebido com as maiores attentões e com as maiores facilidades. Um quarto com pequeno almoço, pouco mais de 150 marcos, que n'essa altura valiam 6 francos. No entanto, é Hamburgo uma das cidades em que a vida é mais cara, como de resto, em todos os grandes portos de mar. Um almoço custa mais caro em Hamburgo do que em Berlim, ou em

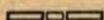
Francfort. Uma peça de vestuario é mais cara, tambem, ali do que em qualquer outra cidade alemã. E' porque os homens do mar chegam sempre ao terminus das suas derrotas cheios de dinheiro e não olham a preços. Hamburgo, difere bastante do Havre, de Bordeus ou de Marselha, em que a atenção do Municipio e do Governo é só atirada para o porto e mais nada. Um comerciante que chegue a Hamburgo, com a sua familia, esta não se aborrecerá, como, em geral, acontece nas grandes cidades maritimas, pois encontra ali belos cafés, magnificos theatros e passeios muito interessantes, onde facilmente passará o seu tempo.

E o que é curioso é que, mesmo junto ao centro do comercio, se encontra um belo lago, onde se cruzam centenas de embarcações á vela, formando um quadro cheio de pitoresco e onde se passam horas deliciosas.

No entanto uma das mais interessantes

impressões que o estrangeiro pode levar, é sem duvida, a da visita ao porto. Um barco a vapor, por uns magros marcos, leva-nos de ponta a ponta, fazendo escala por todas as docas e estaleiros. Ali tivemos o prazer de visitar o nosso vapor *S. Jorge*, onde a officialidade nos fez uma amabilissima recepção.

O *S. Jorge*, ali empatado havia mezes, ia seguir para o Brasil transportando carregamento completo; devendo depois voltar a Lisboa para desarmar, como os seus infelizes companheiros, victimas d'aquella loucura dos T. M. E.



De Hamburgo a Berlim não são mais de 5 horas. O comboio atravessa campos riquissimos em agricultura, mas sem outro interesse para o turista que não seja a ideia de que os alemães sabem bem trabalhar as suas terras. Berlim, está também a trasbordar de turistas. No entanto obtem-se também alojamento com facilidade. E' a tal organização alemã. Que todos põem mais alto os interesses do paiz que os proprios. A Alemanha comprehendeu um dia que tinha uma fonte de riqueza no turismo e desatou a dar-lhe facilidades. E' bom? é mau? Fica para depois o analisar-se-lhe os resultados. O que agora se pretende, é que o estrangeiro venha e que veja a gente barbara, que quiz dominar o mundo, receber-o com fidalguia e nobreza. Bem se teem farto os jornaes de Paris de dizer que eles são isto, que são aquilo, que tratam mal e que espancam os estrangeiros; mas o resultado é negativo, porque encontra-os d'uma incomparavel doçura.

Berlim é uma das mais modernas cidades da Europa. O seu progresso é, porem, inegualavel. Em 40 anos os alemães fizeram da pequena capital da Prussia, uma das mais belas cidades do Continente. Não tinha Berlim belezas naturaes como Lisboa, ou como Napoles? Suprimiu-se essa falta, ajardinando tudo, embelezando os canaes e plantando arvoredo a esmo. Assim emolduraram a cidade em belos

renques de verdura, que os palacios sumptuosos mais fazem realçar.

Os muzeus são, como tudo ali, simplesmente colossaes. O que n'outras cidades enche uma sala, ali comporta um andar, o que os outros teem ás dezenas, eles ali teem ás centenas.

Mas para se dizer que Berlim é uma bela cidade, é preciso não pôr de parte essa outra, ali ao pé: Leipzig, mais moderna ainda e onde ha uma estação de caminho de ferro, de tão avantajadas proporções, que as naves das cathedraes cabem nos seus vestibulos, e quasi a gente precisa de um pequeno comboio que nos leve de um extremo ao outro da plataforma.

Mas se Berlim tem belos jardins, Leipzig parece sobresair dentro de um parque, pois cremos que é maior o espaço ocupado por este do que pelo casario.

Ao lado de Leipzig, temos Dresde, a bela capital do antigo reino de Saxe, patria do estylo *Rococo*, e das mais curiosas cidades da Europa. Fica situada n'uma planicie que o Elbe atravessa, n'uma curva larga e elegante, onde se enfileiram os belos palacios de Saxe. Dresde encerra tudo que uma cidade feudal pode exhibir. São os theatros, verdadeiros templos de arte; são os muzeus, grandiosos e plenos de notaveis pinturas; são as esplanadas sobranceiras ao rio, d'onde á noite se gosa a poetica e grandiosa silhueta que as altas torres das cathedraes e dos palacios nos oferecem, n'um assomo de grandiosidade.

Dresde tem, também, um notavel e vasto jardim zoologico; e pena foi que um sol esbraseante, que queimava tudo, nos impedisse d'ali passar umas horas, vendo a vasta coleção de animaes de varias raças.

De Dresde a Praga, ha carreiras de vapores, Elbe acima; mas, como esta viagem é muito morosa devido á corrente ser muito grande, preferi o comboio que coleia o rio, dando aos olhos extasiados essa bela paisagem da Suissa Saxonica de que falarei no proximo numero.

GUERRA MAIO.



SONETO

*Quanto, quanto me queres? — perguntaste
Olhando para mim mas distraída;
E quando nos meus olhos te encontraste,
Eu vi nos teus a luz da minha vida.*

*Nas tuas mãos as minhas apertaste,
Olhando para mim como vencida,
«...quanto, quanto...» — de novo murmuraste,
E a tua boca deu-se-me rendida!*

*Os nossos beijos longos e anciosos
Trocavam-se frementes! — Ah, ninguém
Sabe beijar melhor que os amorosos!*

*Quanto te quero? — Eu posso lá dizer!...
— Um grande amor só se avalia bem
Depois de se perder!*

ANTONIO BOTTO

BELEZAS DE PORTUGAL*NA BEIRA BAIXA*IMPRESSÕES E APRECIACÕES

A necessidade de respirar um pouco d'ar puro, do ar d'essa nossa montanha suissa; e, ainda, a satisfação de corresponder ao muito amavel convite que me fôra ha tempo feito por um velho e querido amigo, levou-me a uma das mais belas e encantadoras regiões da nossa terra: a Serra da Estrela.

Foi na Quinta da Trémua, a 5 kilometros de Gouveia, que fui soberanamente instalado.

A Quinta da Trémua, que fica situada na chamada estrada de Coimbra, é hoje, nos arredores d'aquela vila, uma das mais interessantes propriedades. A sua casa de habitação, em perfeito e completo estilo portuguez, da mais dôce alegria para a vista, está, interiormente, guarnecida com um tão grande conforto, com uma tão ideal visão, com tão requintado gosto artistico, que constitue uma verdadeira e agradabilissima surpresa para quem tem o prazer de a visitar.

Em redor e ocupando toda a parte rustica d'essa vasta propriedade, os pinheiros, os carvalhos e os eucaliptos casam-se em tão extraordinaria harmonia, que tornam a mata frondosa n'uma seductora mansão de prazer. Por entre ela corre uma artistica rua, orlada de giestas e fétos selvagens, guiando assim os passos aos visitantes que sem ela se perderiam nesse labirinto.

Não podia o meu destino ter-me proporcionado melhor sitio para repouso do corpo, socego do espirito e basta alegria da alma.

Quando ali entrei, senti-me verdadeiramente transportado a um outro mundo, a uma d'essas regiões de prazer cuja idéa concebemos quando o espirito se

sente abatido pelo excesso ou pelo abuso dos logares comuns em que, mais ou menos, é obrigado a vegetar.

E' claro que o ambiente transformou, como por encanto, todo o meu ser. As comodidades oferecidas pelos fidalgos hospedeiros; a sua requintada amabilidade ao receberem-me; o ar fino e perfumado da montanha; o socego mistico d'esse paraíso, iluminado por um sol que pulverisava scintellas d'oiro atravez a folhagem das altas ramadas; a agua pura e saborosa, brilhando em puros cristaes; tudo, enfim, quanto a minha vista pode gosar e o meu espirito saborear com devaneio, operou uma tão grande metamorphose no meu organismo que me senti, de momento, alegremente compensado das passadas agruras da minha pobre vida.

N'esse encantador viver me conservei uns fugidos oito dias, tão rapidamente eles se passaram que as horas me pareceram minutos e os dias... simples horas. Isso devo, principalmente, á incomparavel gentileza dos distinctos donos da casa, que tambem me proporcionaram o conhecimento d'uma das mais interessantes regiões do paiz, conduzindo-me por essas belas estradas das Beiras a pontos de tão original beleza e de tão tocante emoção que só a poesia os pode descrever com sentimento e com o colorido com que se apresentam.

Não sou poeta nem a isso aspiro; assim ser-me-ha difficil dar o relevo com que os diversos aspectos ficaram impressionados na minha retina. Todavia descrevel-os-hei com a muita apoucada arte, mais n'um despretençioso sentido descriptivo, do que no desejo de fazer literatura bucólica.

Dada a proximidade da Quinta da Tré-mua com Gouveia, tive ocasião de mais d'uma vez ir a esta vila. E embora não me tivesse dedicado a um profundo estudo das suas condições de vida, pude, todavia, recolher algumas impressões pelo aspecto superficial como apareceu á minha observação.

Gouveia sofre do mal que tem afectado quasi todas as cidades e vilas do interior das nossas provincias, com raras excepções. Sendo uma vila com belos recursos proprios, um importante centro fabril e podendo ser um esplendido centro de turismo, a sua vida é limitada, o seu commercio resumido. Assente sobre uma das faldas da Serra da Estrela e um dos seus mais interessantes caminhos, esta vila está desprezada na valorisação das suas riquezas naturaes, dos seus originaes atractivos que os possui para uma feliz e lucrativa exploração.

N'uma palavra — Gouveia não tem vida, a vida intensa que anima, agitá, que faz nascer o progresso, que cria fontes de receita n'uma continua e complementar sequencia; que proporciona atractivos, que chama essa corrente de forasteiros transmissores da alegria e do dinheiro para gastarem, que dão o movimento, animando o commercio e a industria; emfim—que revigoram em cada dia as condições que consequentemente vão nascendo e se vão apreciando e que proporcionam o engrossamento das populações fluctuantes.

E poucas vilas como Gouveia se apresentam tão cheias de recursos para se tornarem em grandes centros. Mas, apesar de ser já muito procurada para curas de repouso — e poucas estações climatericas se oferecem tão vantajosas como Gouveia — esta vila não tem ainda, infelizmente, condições d'atractivo. Falta-lhe tudo.

— Porquê?

Simplemente porque os indigenas, na maior parte senhores de grossos cabedades, não sabem ou não querem tornar a sua terra em uma das mais deliciosas estancias de Portugal.

Se assim realmente succede, é triste.

Parece imperar ainda n'essa gente, que

cêrmos da melhor indole, o espirito anachronico das usanças antiquarias, quando o progresso evolucionava com a velocidade do caranguejo.

Por isso certamente Gouveia (e muitos outros sitios, digamo-lo em boa verdade) não progridem; e a mesma razão se opõe talvez a que vontades alheias possam levar de vencida idéas que apenas iam beneficiar a terra de que eles se julgam unicos senhores feudaes...

Não nos abalançamos a dizer o que Gouveia precisa, tanto mais que ali — se não estamos em erro — é a séde da Sociedade Propaganda da Serra, onde as necessidades das povoações situadas nos dominios da mesma Serra não devem ser desconhecidas.

Só o que nos peza é que essa Sociedade, com o alto prestigio de que goza e com a sua boa influencia não tenha conseguido ainda dar ás belezas originaes d'essa encantadora região as facilidades de serem apreciadas e gozadas a que legitimamente teem direito.

No proximo numero continuaremos a descripção.

JOSÉ LISBOA.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	2\$00
Ano	4\$00
Colonias—ano	7\$50
Extrangeiro—ano	10\$00

Numero avulso \$40 (400 réis)

A VIDA AMERICANA

A educação e as atribuições individuais e colectivas. — A noção de liberdade entre os «Yankees»

EM nenhuma outra nação do mundo é a liberdade tão bem compreendida como nos Estados Unidos da America do Norte. A educação do «yankee» modela-se, desde o seu inicio, por normas facilimas de seguir, facilimas de comprehender e facilimas de respeitar e de fazer respeitar aos outros.

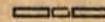
E não deixa de ser altamente significativa a orientação dada ao ensino, obedecendo aos mesmos principios reguladores da *ordem* que se observam no seio da familia, nas sociedades e clubes de recreio, nos institutos de beneficencia e previdencia social, nas colectividades que teem por fim socorrer a infancia desvalida e a velhice ou a impossibilidade prematura para o trabalho. Tudo se coordena, tudo se disciplina com a maior naturalidade, tudo obedece ás mesmas ideias outr'ora preconizadas, defendidas e estabelecidas por Washington, que foi um dos maiores presidentes em autoridade moral e em prestigio que a nação americana do norte possuiu.

Os grandes principios do governo do povo pelo povo e para o povo, originarios da revolução franceza de 89, tiveram ahi a mais sagrada applicação pratica, porque aos americanos sempre faltou muito tempo para expansões idealistas, para exhibições intellectuaes desprovidas de senso comum e de bases scientificas que são vulgares em todas as nações da Europa meridional.

O que ensinam os norte-americanos áquelles que se encontrem de novo na sua nacionalidade? Influem, primeiramente, no espirito do futuro americano as noções primaciaes de moral, de respeito e de obediencia enunciadas na Biblia. Tratam primeiro de catequisar, de civilisar o indivi-

duo porque não ignoram o atrazo dos paizes mais antigos, especialmente os do sul da Europa que deveriam dar o exemplo n'estas e em outras cousas. Mas tranquilisemo-nos, porque nós apenas ligamos importancia ás frivolidades, ás superficialidades, ás creações ideaes para o entretenimento do espirito conducentes ao crime passional.

Já não falamos da aventura, porque, embora tenhamos opinião diferente da geralmente emitida, entendemos sempre que a nossa tendencia aventureira nos beneficiou dando-nos a primazia no estabelecimento de relações commerciaes, intellectuaes e artisticas com o Oriente, em face das Cruzadas e mais tardes das grandes descobertas.



Os povos que primeiramente se estabeleceram na America do Norte formaram uma nação livre.

Liberdade não consiste em cada um fazer o que entente, lhe convem ou o que quere.

Liberdade d'esta ordem chama-se manifestação no estado selvagem.

A liberdade individual está regulada por normas ou regras mais ou menos invariaveis para serem cumpridas. O americano considera pessoa de elevada categoria todo aquele que sabe cumpril-as. O cumprimento das normas regulamentares da vida, estabelecidas por nós mesmos e para nós, correspondem plenamente á organização dos Estados da União norte-americana.

Esses quarenta e oito Estados formaram-se todos da mesma forma. Os principios reguladores de uns amoldaram-se

á vida individual e social observada nos outros.

Ha diferenças de climas, de conformações mesológicas e etnicas; mas isto não influiu no desideratum final, na boa ordem e no bom funcionamento do agregado social.

Todo o individuo normalmente constituido é um elemento da sociedade votado ao trabalho. Trabalho não é martirio mas o nosso verdadeiro bem estar, a maneira de conseguirmos assegurar o nosso futuro por uma forma honrada e insuspeita. O americano na sua vida usual, a notarmos os seus actos pelo prisma da ociosidade requintada da Europa latina, está constantemente a praticar actos aparentemente degradantes.

Na Europa latina o servilismo, a bajulação, uma falsa organização de classes gerou, de um modo geral, as convulsões dos ultimos tres seculos.

D'esta forma ha creaturas que dedicam toda a sua vida á procura do um motivo para usarem de um titulo nobiliarchico, na observação de uma classe á parte, em que desejam exhibir-se, e ignoram que o mesmo fim podem obter, as mesmas garantias, senão melhores, podem alcançar estabelecendo uma vida laboriosa, saudavel, regularisada e honesta. O titulo nobiliarchico equivale a um rotulo, a uma etiqueta de artigo falsificado. D'ahi o atrazo manifesto de muitas nações antigas na senda do progresso, na marcha da civilização.

A impiedade de Miguel Cervantes de Saavedra e de Alphonse Daudet pouco atingiram n'esta teimosia irritante de muito ambicionar e de nada praticamente se fazer.

Mostre-se á generalidade dos portuguezes amantes da vida dissoluta onde encontram os motivos de prazer:—se é na sedução feminina, devemos explicar-lhes que essa sedução conveniente e dignamente evidenciada vem a ser um resultado de uma educação bem dirigida, exigindo trabalho persistente e metodico alem da assimilação de noções sobre arte e de hygiene completamente regularisadas;—se é

no dispendio de dinheiro, precisamos de pensar em adquiril-o sem infringirmos as leis inherentes á normalidade social e ao respeito mutuo;—se o motivo fundamental da felicidade reside na abundancia de dinheiro e de bens materiaes, demonstre-se-lhes que muitas pessoas vivem iniludivelmente felizes, despreocupadas, usando de ampla liberdade desde que estudaram, trabalharam ordeiramente, aprenderam e adquiriram recursos de trabalho correspondentes a um capital inestimavel e de incalculavel valor.

Eis o que exprimen: as obras colossaes de Victor Hugo, de Alexandre Dumas (pae), de Zola, de Balzac, de Camilo Castelo Branco, de Pierre Loti, do auctor do Hamlet, de Tasso, dos grandes pensadores como Nietzsche, como Voltaire, como Rousseau, dos uniformisadores da psicologia como Wundt, dos ecleticos como Tarde, dos que se propuseram e conseguiram expor á humanidade os segredos da sua origem e a applicação das suas descobertas scientificas, sociologicas e economicas.

A moderna teoria da relatividade de Einstein outro intuito não teve senão esse.

Quem nos diria que as machinas eram mal construidas atendendo á lei da gravitação; que a pendula não oscila com tal regularidade como se julgava, variando segundo as horas do dia e as condições atmosfericas, independentemente da temperatura; que os raios luminosos se não propagam em linha reta; que a marcha dos astros e de outros corpos celestes atravez do espaço infinito sofre modificações importantes ainda não explicadas pelas leis de Copernico, Laplace e Newton?

Foram estas algumas das inovações da relatividade.

Ahi temos a razão porque, subordinadas a uma simples ideia, a uma teoria apenas enunciada, produto de longos anos de investigações, as modalidades convencionadas para a formação das leis naturaes se alteram, se transformam, modificando tambem as comodidades, os usos e costumes, a forma de encararmos o passado, o presente e o futuro.

Regularisemos a vida em Portugal, or-

ganisemos o trabalho e o estudo, facilitemos o aproveitamento de noções essencialmente praticas e assim conseguiremos transformar o futuro da nossa Patria.

O que desde o primeiro artigo escrevemos sobre a comparação da vida portugueza com a norte-americana teve unicamente este intuito.

Valorisemos, portanto a nacionalidade portugueza encarando a liberdade e a egualdade sociaes sem as utopias dissolventes e as erradas interpretações atribuidas irreflectiva, inconsciente e imprevidentemente a esses dois importantes factores da civilisação.

BRANDÃO FERREIRA.

HIPISMO

Por iniciativa da Sociedade Hipica Portugueza, estão-se repetindo este ano, na Marinha, em Cascaes, as grandes provas hipicas que o ano passado foram, pela primeira vez no nosso Paiz, levadas a efeito com os mais lisongeiros resultados.

Encarando este facto mais pelo lado social do que pelo tecnico (visto sob este ultimo aspecto não nos pertencer a critica), diremos que ele constitue um acontecimento de imensa valia, pois que sendo mais um motivo para agitar a nossa quasi estagnada vida desportiva (que pouco mais se tem exercido do que entre nacionaes), pode e deve, n'um proximo futuro, dar ensejo a atrahir uma corrente de forasteiros internacionaes que levarão para as respectivas nações o nome do nosso paiz aureolado das impressões que recolham e que servirão como a melhor e mais desejada propaganda de Portugal.

Alguem certamente pensará que as impressões d'esses estrangeiros a nosso respeito não serão certamente motivo de proveitosa propaganda, dadas as insufficiencias que eles aqui possam encontrar e outras muitas razões que temos acerbamente criticado e que, em boa verdade, não constituem um nosso bom reclame. Mas como, felizmente, nem tudo que temos é mau e a nossa lhaneza e afabilidade na recepção dos visitantes ainda não

AS CORRIDAS DE CASCAES

deixou de ter os fóros d'aquella fidalga hospitalidade de que os portuguezes sempre se orgulharam de proporcionar — e não só isso como muitas outras coisas que nas demais nações não são eguaes nem superiores, atenuam a influencia dos males que, porventura, os nossos visitantes possam apreciar.

E uma vez vindos aqui e podendo gosar d'uma parte dos encantos da nossa terra, que apparecem principalmente onde as corridas de cavalos estão sendo effectuadas, n'essa linda Marinha de Cascaes, perto dos seductores Estoris, tão justamente apreciados pelos estrangeiros, não é de crer que eles deixem de voltar uma vez aclimatados e seduzidos pelas belezas naturaes que não teem um facil paralelo em qualquer outra parte do Mundo.

Portanto e sob o aspecto de propaganda de Portugal, assim como d'uma interessante manifestação da nossa educação social, não podemos deixar de aplaudir a idéa das corridas de cavalos, cabendo-nos até estimular a sua repetição como um factor d'influencias beneficas para os portuguezes.

As corridas de cavalos teem-se efectuado como dizemos na *Marinha*, em Cascaes, essa rustica propriedade, outr'ora

pertença do sr. Conde de Moser, que a conservou sempre com os seus maiores encantos.

Por assim, dizer esse vastissimo campo limitado a oeste pelo Atlantico, é um extenso viveiro de pinhaes bravios, nados e creados em toda a extensão d'essa propriedade, que se corre de léz a léz por uma estrada direita mas comprida que nos dá a illusão de nos conduzir ao Infinito.

E' um encanto o passeio dentro d'essa mata; e não menos interessante é o caminho desde Cascaes até ali, principalmente pela estrada da Guia e que passa junto do farol d'este nome.

O pizo das estradas, tanto até á Marinha, como dentro da propriedade, não está mau; mas a terra solta com que as nivelaram é que as tornam insuportaveis, sobretudo quando se vae d'automovel e se tem a infelicidade de se caminhar atraz d'outros carros. A poeira que se levanta com a passagem dos vehiculos é tanta que encobre o caminho a ponto de não se poder avançar, incomodando assim todos: os que vão de carro e os que seguem a pé.

Ora, concordamos em que o sitio escolhido para a realização das corridas é bom e bem situado, embora um pouco longe — distancia todavia atenuada com os encantos que o passeio oferece; porem,

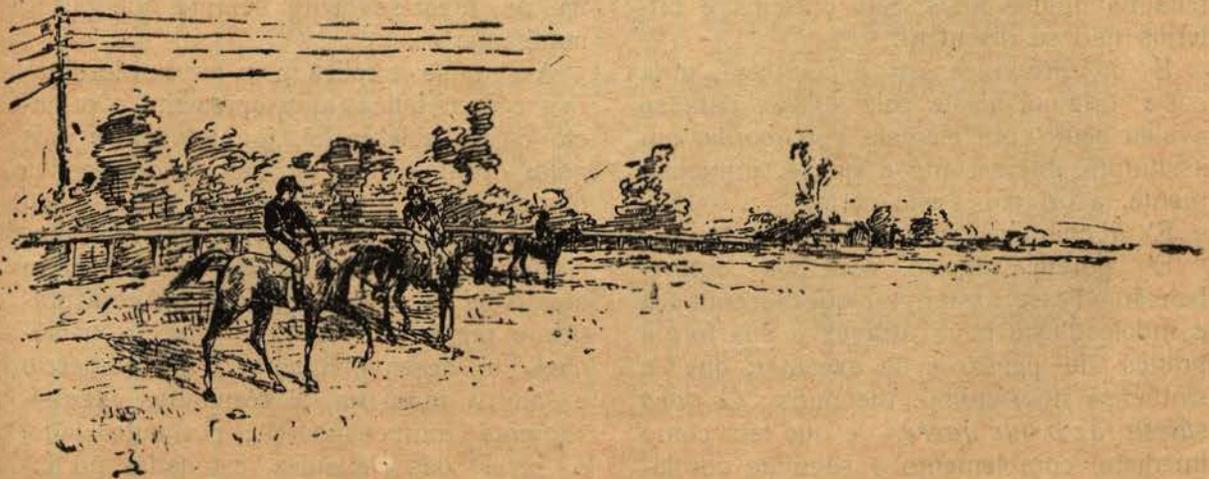
o inconveniente das poeirentas estradas é que não são nada agradaveis, não atraem, nem facilitam a realização do desejo de ir ali.

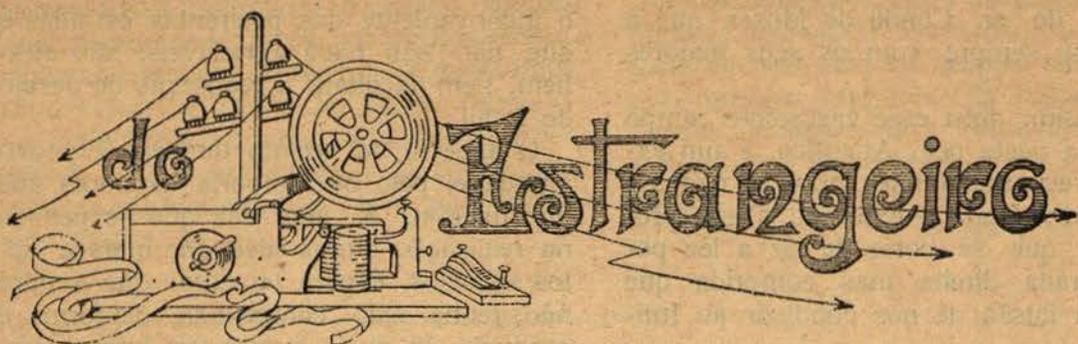
O aspecto do recinto tambem é pouco agradavel pelo que importa ás obras que lhe fizeram. E uma vez que se pensou na realização d'uma idéa que merece justos aplausos, é para lamentar que a obra não tenha sido completada de forma a produzir as mais agradaveis impressões.

Parece-nos que o inconveniente da poeira das estradas podia facilmente atenuar-se com uma forte rega pouco antes da hora do movimento de carruagens e automoveis, visto que a transformação do seu pavimento só será possível quando um dia, em Portugal, se atenda aos pequeninos nadas que, todavia, tem uma cabal importancia.

No que respeita ao aspecto do local das corridas, não julgamos difficil a transformação dos logares destinados a comodo do publico, taes como bancadas, camarotes, etc., que são absolutamente inestheticos e sem aquela graça que muito contribue para a boa disposição dos assistentes.

Não fazemos estes reparos com o espirito de critica, mas simplesmente como indicações proveitosas... se forem seguidas.





CARTA DA SUISSA

CHEGOU-ME hoje o momento de poder dar acordo de mim aos amáveis leitores da *Revista de Turismo*. Ha tempo já que o não fazia, é certo; mas nem sempre ha assumptos que mereçam a minha atenção nem ocasião para sobre eles fazer cahir as minhas divagações espirituaes.

Aqui, na Suissa, toda a gente trabalha, e entende, por isso, bastar-se a si mesma. Assim, não acha uma immediata necessidade: em imitar o entusiasmo que, por exemplo, em França, causa tudo quanto se relaciona com o progresso do turismo n'esse paiz.

Os suissos dizem que o seu paiz é já bem conhecido no mundo, porque nenhum outro ha que ofereça originalidades e condições especiaes como ele. Portanto, é absurdo fazer acreditar aos outros que é preciso fazer a Suissa quando ela já está feita ha muitos anos. São criterios e criterios não se discutem.

E o criterio suizo é, tambem, uma coisa original n'este paiz suizo. Para se avaliar bem o que ele vale, vou abordar um assumpto interessante e que é, principalmente, a origem d'esta carta.

E' a chamada *futura lei federal*.

E', porem, preciso, para boa comprehensão d'esse assumpto, que se conheça a indole d'este povo atravez a sua forma pratica de pensar e de executar, que se synthetisa no seguinte theorema: *O povo suizo faz o que quere*,—e que tem como immediato complemento o seguinte corola-

rio: *Ele não aceita qualquer lei que lhe não agrade.*

Sob este criterio, comprehende-se quão difficil será aos legisladores fazerem vingar as suas ideias, que não podem simplesmente subordinar-se aos caprichos ou conveniencias pessoaes, mas teem de obedecer ás condições impostas pela opinião publica.

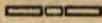
Eis o que se dá com a nova *lei federal* que tem por fim impor e regular as facilidades de circulação dos automoveis em toda a Suissa. Como é sabido já, o povo helvetico, na sua grande maioria, tem pouca sympathia pelo automobilismo, pela simplissima razão de que esse meio pratico de locomoção o incomoda.

E' natural e cremos muito provavel que ele, um dia, se habituará a esse genial progresso da sciencia moderna; mas até lá, a sua aversão por esse invento ha de fazer-se sentir sempre que possa manifestar-se.

Assim se explica pois as extraordinarias características que apresenta o projecto da já celebre lei, jogando entre dois polos opostos: — d'um lado, o desejo dos homens superiores, querendo tornar o seu paiz acessivel aos estrangeiros, oferecendo-lhes a comodidade de o percorrerem em todos os sentidos por uma forma pratica e rapida e animando, para os nacionaes, o desenvolvimento d'um comercio e d'uma industria de resultados excessivamente compensadores; por outro lado, o receio das clausulas, estudadas no in-

tuito d'uma patriótica conciliação d'interesses, não agradarem a quem, em ultima instancia, põe o seu veto:—o povo suíço, por intermedio das camaras; pois, no caso do projecto ser recusado, é necessario deixar esquecer o assumpto para mais tarde voltar á tela da discussão.

Como, porém, os auctores do projecto d'essa lei consideram urgente a sua execução, procuraram, na sua fatura, dar-lhe o aspecto severo para agradar á maioria do povo, integrando-a, todavia, n'uma elasticidade que permite adaptal-a ás circunstancias.



Para se avaliar o espirito d'esse verdadeiro *marmelo cru* que é a tal *lei federal*, basta dizer que ela comprehende 50 artigos divididos em 6 capitulos. Logo de começo ha uma disposição que na frase pitoresca d'um ilustre escriptor — é de fazer rebentar os córs das calças. Essa disposição impõe um seguro obrigatorio a todos os proprietarios d'automoveis para garantir a responsabilidade civil dos accidentes pessoas que possam causar.

Ha uma outra não menos pitoresca e que se contem no seguinte artigo: «A *«velocidade dos vehiculos deve ser re-*

«duzida a 25 kilometros á hora sempre que se encontrem ou ultrapassem pedes, para que a poeira ou a lama os não incomode.»

E' o caso do reconhecimento do direito pessoal de cada um fazer o que quere sem ser incomodado; ou não se conceder a ninguem o direito de incomodar-nos.

Optimo.

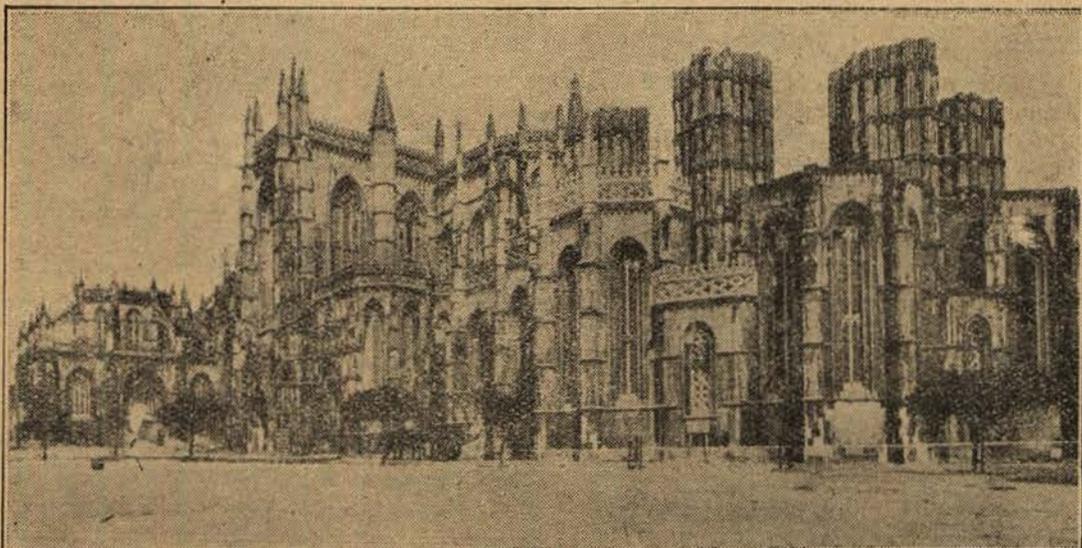
E se assim não fôr, a lei não é aceite e, ainda por cima, *arderá Troya* pelos processos muito em voga nos paizes civilizados...

Por estas duas simples amostras, a que outras poderiam ser juntas para completar melhor a idéa d'essa *lei federal* — faz-se já uma comprehensão da sua variada e interessante contextura, que segundo cremos, não virá á propria execução, taes são os pontos anómalos que automaticamente se ferem.

E eis a forma d'esta gente atrahir a vinda de estrangeiros justamente no momento em que mais era preciso captival-os para debelar a pavorosa crise por que a industria hoteleira está passando.

Emfim... eles sabem o que fazem.

J. C.



Monumento da Batalha

THEATROS



E CIRCOS

A *Revista de Turismo*, no simples intuito de se referir a uma distração que é dever se^u indicar aos turistas e como complemento da idéa que a orienta, inserirá, a partir do presente numero, uma secção d'informações sobre os theatros de Lisboa e Porto, mencionando as peças que estiverem em scena.

Devemos, porem, desde já dizer que se trata apenas de *informações* e não de critica theatral, que seria descabida n'uma revista da indole da nossa.

Assim, mencionaremos sempre os theatros pela sua ordem de cathgoria, indicando as companhias que os exploram e, como acima dizemos, as peças que se representarem, só e simplesmente.

Achamos indispensavel fazer este preambulo, para evitar quaesquer possiveis interpretações.

EM LISBOAS. CARLOS

Está despertando invulgar entusiasmo a representação da peça historica, original de Silva Tavares, *Vasco da Gama*, que brevemente subirá á scena n'este theatro.

SÃO LUIZ

Em segunda recita de assignatura, a companhia Armando de Vasconcellos apresenta a primeira novidade do seu repertorio, a celebre opereta italiana em 3 actos, de Carlo Veniziáni, musica do maestro Bethinelli, que pelo seu entredo, pelas situações e pela musica sai dos moldes habituaes. A acção passa-se em Italia, actualidade. A encenação é de Armando de Vasconcellos.

AVENIDA

Cama, Mesa e Roupa Lavada, é o espectáculo que no theatro Avenida se representa presentemente com muito agrado.

POLYTHEAMA

A *Dama das Camélias*, pela companhia Rey Colaço e Robles Monteiro. O papel de Margarida

Gauthier é desempenhado pela illustre actriz Palmira Bastos, que n'elle tem uma criação soberba.

APOLLO

N'este theatro acha-se em scena a graciosa revista phantasia *Cigarro Brejeiro*, cujas apothoeses e scenarios teem dado brado em Lisboa, assim como o guarda-roupa que é uma maravilha de bom gosto, riqueza e originalidade.

COLYSEU DOS RECREIOS

Companhia italiana de opereta, com as belas peças *Viuva Alegre*, *Sonho de Valsa*, *Conde de Luxemburgo*, etc.

NO PORTOSÁ DA BANDEIRA

Companhia Aura Abranches com a representação da peça *Primerose*.

NACIONAL

Companhia Othelo de Carvalho representando-se a revista *Piparote*, ali em scena ha quasi dois mezes.

ESPECTACULOS

- S. Carlos** — Não ha espectáculo.
S. Luiz — «Miss Issipi».
Polytheama — A's 9,30 — «Dama das Camélias».
Avenida — A's 9,15 — «Cama meza e roupa lavada».
Edem Theatro — A's 9,15 — «O Crime do Cochicho»
Apolo — A's 9,15 — «Cigarro Brejeiro».
Theatro Salão Foz — A's 9,30 — «O Az».
Colyseu dos Recreios — A's 9,15 — «Onde canta a cotovia».

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL. — Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoaria)